

VÁRIA

O PROF. MARCELLIN BOULE

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia acaba de perder um dos seus membros de honra, dos mais categorizados, o notável professor Pierre Marcellin Boule.

Nasceu êste eminente cientista em Montsalvy, no Cantal, no ano de 1861. Como orgulhosamente declarava, herdara dos seus ascendentes paternos, artistas rurais, o gôsto pelas coisas da Natureza e o sentimento do Belo, e devia à camponesa de alma nobre, que fôra sua mãe, o poder ter vencido com alegria as numerosas dificuldades da juventude. Influenciou-o profundamente o curioso panorama geológico da região natal, que outrora tão perturbada fôra por intenso vulcanismo. Mas foi um geólogo amador, Jean Baptiste Rames, modesto farmacêutico em Aurillac, que o orientou intelectualmente, que despertou a sua vocação de naturalista. Durante tôda a vida, o Prof. Boule venerou êste «noble chevalier de la Science», como êle o chamava. Ainda, ao ser homenageado, no seu cinqüentenário científico, por numerosos alunos, colaboradores e amigos, não pôde deixar de o lembrar: «Je ne perdrai jamais le souvenir ému de l'accueil, à la fois charitable et cordial, que je reçus de l'éminent historien du plus grand volcan de l'Auvergne, et de tous les affectueux encouragements qu'il ne cessa de me prodiguer par la suite. Comment pourrais-je oublier ses leçons en plein air, par monts, et par vaux: leçons claires, colorées, poétiques, rendues vivantes par une prestigieuse faculté d'évocation des êtres et des choses disparus dans la nuit des temps, suivant son expression favorite?»

Nos seus estudos, na Faculdade de Ciências de Toulouse, quem mais o prendeu, talvez em parte pela orientação que já levava, foi o então ali professor de Geologia, Louis Lartet. Todavia, a maior influência, a decisiva, exerceu-a mais tarde o genial paleontólogo Gaudry, muito embora tivesse freqüentado no *Collège de France* os cursos de Fouquet, mestre que muito o impressionou, não só pelos profundos conhecimentos que possuía, mas ainda pela muita dedicação aos alunos e pela simplicidade de uma vida inteiramente dedicada à Ciência. O seu mais íntimo contacto com

o autor dos *Enchainements du Monde Animal*, resultou de ter sido colocado como bolseiro, por 1886, no *Museum*, a fim de se habilitar para o concurso de agregação. Ali, foi, ainda, preparador e seu assistente.

Em 1892 doutorou-se em Ciências, apresentando como tese um estudo sobre parte do seu tão querido Auvergne, *Description géologique du Velay*. Após o que, foi ocupar cátedra na Faculdade de Clermont Ferrand, onde ensinou Paleontologia e Geologia, e, só alguns anos mais tarde, em 1903, substituiu o seu antigo mestre Gaudry no *Museum*, não apenas na regência, mas ainda como continuador dos seus estudos.

Marcellin Boule foi geólogo, paleontólogo e pré-historiador, e a sua extraordinária actividade revelou-se, em qualquer dos campos, bem notável. Deixou obra, sem dúvida, monumental. Caracteriza-a alto nível científico, marcada personalidade, clareza e sobriedade que não exclui a mais profunda análise, o mais minucioso estudo. É obra de grande probidade e largueza de vistas. Por isso, os seus numerosos escritos — cerca de trezentos — são altamente apreciados e elementos absolutamente indispensáveis a muitos investigadores.

*
* *

Não foi grande a actuação do Prof. Boule em Geologia; contudo, a ela corresponde um conjunto de trabalhos que, por si só, seria suficiente para consagrar alguém. Assim, continuando os estudos de Rames e Fouquet, estabeleceu definitivamente, por exaustivo estudo, a cronologia das erupções vulcânicas do seu Cantal. Muito colaborou nos *Bulletins du Service de la Carte Geologique*, ora aperfeiçoando a cartografia, ora melhor interpretando os vários acidentes geológicos. Mas, não tratou apenas da França metropolitana, Madagáscar mereceu-lhe particular interesse. Abordou também investigações petrográficas. Que o digam *Les gneisses amphiboliques et les serpentines de la haute vallée de l'Allier* e as *Observations sur les granites et sur l'origine des roches volcaniques*.

Foi, porém, em Paleontologia, que a sua extraordinária e bem dirigida actividade melhor e mais intensamente se aplicou. O primeiro trabalho de responsabilidade levou-o a efeito de colaboração com o seu professor Gaudry, em 1880, ao tratar o curioso género *Elasmotherium*, muito aberrante e muito especial, durante largo tempo discutido por apresentar simultaneamente caracteres de rinocerontídeo e de equídeo. Embora lhe tivessem merecido a atenção alguns invertebrados fósseis, o batráquio *Actinodon* e répteis da Boémia e de Madagáscar, etc., o maior



Prof. PIERRE MARCELLIN BOULE

(1861-1942 †)

número das suas publicações é consagrado aos mamíferos. Em tôdas elas se nota a constante preocupação de considerar em primeiro lugar o ponto de vista biológico, dinâmico. Por isso procurou sempre evidenciar, se possível, o encadeamento das espécies. São profundas e meticulosas as suas investigações sôbre os animais antropozóicos; reconstituiu as genealogias dos canídeos, filídeos, ursídeos, hienídeos e eqüídeos. Relativamente a variações, com dificuldade poderá ser ultrapassado o que escreveu sôbre os mamíferos de Grimaldi e de Tarisa. Muito contribuiu também para a solução de outros importantes problemas. Se o estudo do gigantesco carnívoro de Vaugirard, a *Pachycena*, curioso tipo de creodonte, autorizou a melhor poder-se admitir ligação continental, nos primeiros tempos cenozóicos, entre a Europa e a América do Norte, as suas observações sôbre o *Canis megamastóides* do Plioceno do Auvergne, puseram em evidência a grande importância dos fenómenos de convergência. Que, por exemplo, o desenvolvimento evolutivo pode ser parcial e, portanto, se torna necessário ter o maior cuidado nas conclusões a tirar da sua análise, claramente ressalta do cuidado estudo do *Callibrachion* do Pérmico de Autun, réptil de membros bem ossificados como os dos sáurios actuais, mas possuindo crânio de estrutura bastante primitiva que o aproxima dos pelicossáurios.

Torna-se impossível fazer aqui a análise, mesmo muito resumida, de todo o seu labor paleontológico, pois muitas são as publicações nos *Comptes rendus* da Academia das Ciências de Paris, no *Bulletin* da Sociedade Geológica de França, de que foi presidente e um dos sócios mais activos, e nos seus queridos *Annales de Paléontologie*, que fundara em 1906 e dirigiu até à sua morte com máximo carinho.

Grande número daqueles escritos dizem respeito a animais do Antropozóico, e daí as suas migrações para a Antropologia e para a Pré-história, que, graças a êle, passou a ser verdadeira ciência. Os meios físicos de então mereceram-lhe particular cuidado, e, por vezes, as suas conclusões foram de grande valor. O reconhecimento, por exemplo, da ocorrência de regressão marinha caracterizada por fauna quente do tipo chelense e indústria já musteriense, que permitiu compreender a cronologia quaternária na região mediterrânica, motivou fecundas generalizações às costas atlânticas.

Foi pouco depois de iniciar os seus estudos em Toulouse que se relacionou com Émile Cartailac — em companhia de quem visitou Portugal — o qual lhe transmitiu a sua grande paixão pela paleontologia humana. Neste sector é de evidenciar, entre os seus numerosos trabalhos que lhe dizem respeito, três que correspondem a verdadeiros marcos miliários: *L'essai de Paleontologie*

stratigraphique de l'Homme (1882), *L'Homme fossile de Chapelle-aux-Saints* (1908) e a sua obra-prima de síntese *Les Hommes fossiles* — com uma primeira edição em 1921, outra apenas dois anos depois e uma tradução em inglês — onde, como a crítica escreveu, a elegância da factura rivaliza com a solidez da observação e a elevação do pensamento.

O magistral estudo sobre a gruta de Grimaldi não permitiu apenas a resolução de numerosos e importantes problemas científicos, mas também de um outro de carácter económico. Foi o caso do encontro com o mecenas da Ciência, Príncipe Alberto I de Mónaco, que lhe permitiu entusiasamá-lo, a ponto de conseguir

*Je me souviens de l'Portugal, il y a plus de 40 ans
avec mon vieil ami Cartailhac. J'y ai connu Ribeiro,
Delgado et beaucoup d'autres, c'étaient de très bons
et très bons esprits. Je me souviens de voir
que l'anthropologie portugaise est aujourd'hui repren-
tée par un homme comme vous*

*Agrès, Monseigneur et cher Compagnon l'annonce
de ma très distinguée considération*



Autógrafo do Prof. Boule — Parte de uma carta datada de 21 de Novembro de 1921 em que é feita referência à sua visita a Portugal

instalação própria e dotação para esse Instituto de Paleontologia Humana, de que foi director, onde tantos investigadores desinteressados têm tido a oportunidade de applicarem a sua actividade. Ali se realizam cursos, trabalhos de laboratório e conferências gerais, cuja súmula se arquiva, em parte, nas *Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine*, magnífica colecção de memórias que tratam de todos os assuntos relativos à origem e à evolução da humanidade pré-histórica.

Mas não ficou por aqui a sua actuação, pois foi ainda um dos fundadores e director, com a colaboração de Verneau até 1930, da bem redigida revista *L'Anthropologie*, onde, entre muitos artigos originais seus, se encontram centenas de bem elaboradas críticas apenas assinadas com as suas iniciais.

Marcellin Boule, além de ter sido cientista de primeira plana, foi notabilíssimo professor. É um bom exemplo de que o melhor meio de manejar uma ciência é ensiná-la. A par do conhecimento profundo da matéria, tinha raras qualidades de exposição, sempre proba, clara e concisa, e proselitismo ardente, comunicativo, resultante do grande amor e entusiasmo que tinha pelo que ensinava. Jamais esqueceremos as suas lições. Com meticoloso cuidado guiava e aconselhava os seus alunos, levando-os a ser comédidos, mas persistentes e confiantes. Se por vezes rude — a rudeza da franqueza — isso não era sem utilidade, e quasi sempre tal atitude operava como benéfico estímulo.

A pedido de numerosos auditores do seu curso público de Paleontologia no *Muséum*, e atendendo à penúria de produções didácticas dessa matéria em França, publicou, quasi no fim da vida, de colaboração com o seu discípulo mais querido e mais brilhante Dr. Jean Piveteau, o volumoso livro *Les Fossiles*, que tão bons serviços tem já prestado nas Universidades portuguesas. No prefácio declarou: «On a cherché à lui conserver le caractère de mon enseignement au Muséum, dont il représente une sorte de synthèse ou d'exposé synoptique». Este trabalho é, além disso, guia da magnífica galeria paleontológica existente naquela escola, que percorremos com tanto prazer e interêsse, reflexo de árduo e cuidado labor, grande sonho do seu querido mestre Gaudry, que êle de modo tão brilhante soube efectivar.

De valor pedagógico e utilidade são também os seus excelentes *Guides du Touriste, du Naturaliste et de l'Archéologue*, de que se publicaram vários volumes relativos a outras tantas regiões francesas.

Ainda, no ensino secundário e primário superior, a sua influência foi notável; que o digam as *Conférences de Paléontologie*, que tanta influência tiveram em nós quando rapaz, e as *Conférences de Géologie* com uma dúzia de edições.

* * *

Marcellin Boule, belo exemplo de uma vida inteiramente consagrada à Ciência, morreu na hora mais trágica da sua querida pátria. Não lhe foi dado o poder assistir ao ressurgimento da França gloriosa e esclarecida, o seu maior anseio, mas partiu, seguros estamos, com a consciência tranqüila de quem sempre bem cumpriu e com a certeza de que o génio gaulês se não extinguiu por completo.

J. CARRINGTON DA COSTA.

Sobre a avaliação do volume do corpo humano

Para avaliar a superfície do corpo humano vários processos, de maior ou menor rigor, têm sido propostos e já temos hoje fórmulas, como a de Mech e de Du Bois, que fornecem resultados suficientemente aproximados para serem empregados na prática; relativamente ao volume do corpo humano, não possuímos nenhuma fórmula que nos permita calcular, duma maneira aproximada e rápida, o seu valor.

Ora, se o conhecimento do valor da superfície do corpo é absolutamente necessário para a determinação do metabolismo basal, da mesma forma se torna necessário tentarmos avaliar, com aproximação suficiente, o volume do corpo quando pretendemos determinar a corpulência, a robustez e mesmo a constituição dum indivíduo.

Até agora, em Antropologia, quando é preciso tomarmos em linha de conta o volume substituímo-lo, simplesmente, pelo peso.

Evidentemente que esta substituição não é legítima, pois que peso e volume, são grandezas de naturezas diversas; resulta daqui que índices, construídos com o peso em substituição do volume, dão resultados completamente diferentes daqueles que se pretendiam obter.

Rohrer, pretendendo exprimir por um número a corpulência, que define como a relação entre o volume e a estatura, substitui o volume pelo peso, e, seguindo a orientação dalguns antropologistas que querem uma potência do mesmo grau nos dois termos dum índice (o que é muito discutível), eleva a estatura à terceira potência.

E, assim, o seu índice que devia exprimir a relação entre o volume e a estatura, na realidade é, como muito bem diz Biederman, até certo ponto, um peso específico. Dizemos um peso específico, porque o de Rohrer está longe de ser o peso específico do corpo humano.

Este autor multiplica o peso em gramas por 100, quere dizer, reduz o peso em gramas a centigramas e, portanto, os resultados do seu índice (em média 1,22 a 1,35) vêm referidos a centigramas, o que de modo nenhum pode representar o peso específico do corpo humano, pois Mies dá para limites da oscilação do peso específico do homem adulto os valores 1,0127 e 1,082, mas, evidentemente, referidos a gramas.

Portanto o índice de Rohrer não é um índice de corpulência, porque não relaciona o volume com a estatura, nem exprime o peso específico humano; aproxima-se do valor da densidade do

corpo humano, que, como o de tãda a densidade, é expresso por um número abstracto. E ainda este índice, como relação centesimal entre o peso e o cubo da estatura, não nos parece que corresponda a qualquer impressão morfológica.

Estas considerações feitas a propósito do índice de Rohrer poderiam referir-se mais ou menos a todos os outros índices de corpulência, constituição, robustez, etc.; em resumo: todos os resultados destes índices dão números difíceis de interpretar.

Davenport, que estudou as relações entre o peso e a estatura elevada às potências, 1, 2, 2 1/2 e 3, chegou à conclusão de que as

relações $\frac{\text{peso}}{\text{estatura}^2}$, $\frac{\text{peso}}{\text{estatura}^{2\ 1/2}}$ são as que exprimem melhor as variações da corpulência desde o nascimento até aos 30 anos.

Mas Frassetto determinou com rigor matemático a relação entre o peso (P) e a estatura (S), baseando-se em 299.355 indivíduos observados em idade militar. Essa relação é

$$\frac{S - 154}{P - 54} = 1,60$$

o que nos permite calcular o peso que deve ter o indivíduo desde que conhecemos a sua estatura. Frassetto apresenta as seguintes fórmulas para calcular o peso, partindo da estatura:

$$P = \frac{S - 67,60}{1,60}$$

ou

$$P = 54^{\text{kg}} + (0,625 \times X).$$

Sendo X o número de centímetros que a estatura considerada excede a de 1^m,54.

Ou ainda

$$P = C - (0,375 \times D)$$

em que C representa os centímetros da estatura que excedem um metro e D a diferença para 1,54.

Certamente que estas fórmulas de Frassetto poderão ser aplicadas sem grandes inconvenientes aos portugueses e aos espanhóis da mesma maneira que aos italianos.

Tomando, pois, como peso normal dum indivíduo, o valor dado por estas fórmulas e como, por outro lado, Mies dá para densidade do corpo humano números cujas médias são, aproxi-

madamente, 1,03 para os indivíduos gordos e 1,05 para os magros, vamos indicar como, depois de calcular pela fórmula de Frassetto o peso que deve ter um indivíduo de determinada estatura, podemos avaliar, com bastante segurança, o volume do corpo desse indivíduo aplicando ao cálculo uma ou outra das densidades, conforme o indivíduo excede ou não esse peso calculado.

Assim vejamos qual será o volume dum homem que tem de estatura 1^m,64 e pesa 59,2. Aplicando a primeira fórmula de Frassetto, o peso que este indivíduo deve ter é:

$$P = \frac{S - 67,60}{1,60} = \frac{164 - 67,60}{1,60} = 60,249.$$

Fazendo uso da segunda, vem

$$P = 54 + (0,625 \times X) = 54 + (0,625 \times 10) = 60,25.$$

E ainda se obtém o mesmo valor, fazendo o cálculo utilizando a terceira fórmula:

$$P = C - (0,375 \times D) = 64 - (0,375 \times 10) = 60,25.$$

Como se vê, qualquer das três fórmulas propostas conduz ao mesmo resultado.

Como o indivíduo pesa só 59^{kg},2, devemos calcular o seu volume empregando o maior valor médio da densidade 1,05 e portanto esse volume será:

$$V = \frac{P}{d} = \frac{59,2}{1,05} = 56,38.$$

Mas se um outro indivíduo, com a mesma estatura, pesasse 75^{kg}, o seu volume seria:

$$V = \frac{75}{1,03} = 72,81$$

tomando aqui o menor valor médio da densidade, visto o peso do indivíduo (75^{kg}) exceder o que ele deveria ter (60^{kg},25), calculado por qualquer das três fórmulas de Frassetto.

Parece-nos que esta é uma forma bastante aproximada de calcular o volume do corpo humano, a partir do qual se poderão

construir índices de corpulência, cujos resultados possam ser facilmente interpretados em correspondência com a impressão visual comum de corpulência.

BIBLIOGRAFIA:

J. MIES — *Über die Masse, den Rauminhalt und die Dichte des Menschen*, «Virchow Archiv für pathologische Anatomie», 1899 Ref. in «L'Anthropologie». Vol. x.

C. B. DAVENPORT — *Height-weight index of Build* — «American Journal of Physical Anthropology». Vol. III, 1920.

F. FRASSETTO — *Delle relazioni fra il peso e la statura* — «Atti della Reale Accademia Nazionale dei Lincei». Vol. XXXI, 2.º semestre, 1921.

F. FRASSETTO — *Height-weight index of build or robustness*. «Eugenics Race and State». Vol. II, 1923.

F. FRASSETTO — *Others forms of the law governing stature and weight in adults*. «Eugenics Race and State». Vol. II, 1923.

K. BIEDERMAN — *Beziehungen zwischen Pignet Index, Körperfülle-Index und körperlicher Leistung bei 16 jährigen Lehrlingen*. Ref. in «Anthropologischer Anzeiger». Vol. VIII, 1932.

ALFREDO ATHAYDE

Lutuosa

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia teve ultimamente o profundo pesar de ver desaparecerem do número dos vivos algumas distintas individualidades pertencentes ao seu grémio.

Em sessões públicas da Sociedade foram consignados votos de sentido desgosto por essas lutuosas perdas, mas queremos registar também nas páginas da nossa revista tão tristes aconte-

cimentos, rendendo comovida homenagem de saúde à memória daqueles consócios que foram o Prof. Marcellin Boule, sócio honorário, e os sócios efectivos Sr.^a D. Maria Clementina Pires de Lima Tavares de Sousa e Srs. Engenheiro João Perestrelo e Drs. António Jorge Coutinho de Lemos Ferreira e António Simões Pina.

Em artigo do Sr. Prof. Carrington da Costa, é traçada, neste mesmo fascículo dos *Trabalhos*, uma biografia do insigne paleontologista francês Prof. Boule.

*

* *

A sr.^a D. Maria Clementina Pires de Lima Tavares de Sousa, espôsa do nosso consócio Dr. Armando Tavares de Sousa, professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, e filha do também nosso consócio e ilustre anatomista Prof. Joaquim A. Pires de Lima, faleceu, dias após um parto, em 15 de Janeiro de 1941, apenas com 32 anos de idade. Revelando notável precocidade intelectual e artística, consagrou-se desde os 7 anos à música, tendo sido discípula de sua avó, de D. Ester Guimarães, D. Leonilda Moreira de Sá Costa, Luís Costa, Lucien Lambert e Viana da Mota. Tomou parte, com grande êxito, em numerosos concertos e algumas vezes foram executadas, também com êxito, composições suas, baseadas geralmente em melodias populares. Fêz conferências-concertos sobre folclore musical nos «Estudos Portugueses», no «Conservatório de Música» e no «Clube Inglês do Pôrto», na «Emissora Nacional», na «Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra», etc. Colaborou com seu irmão, o nosso consócio Dr. Fernando de Castro Pires de Lima, em estudos e conferências de etnografia. Colheu na região minhota de S. Simão-de-Novais cerca de duzentas melodias populares e publicou: *Folclore de Riba-de-Ave* («Prisma», Pôrto, 1938); *Uma melodia popular e a sua origem litúrgica* («Actas do Congresso Nac. de Ciências da População», Pôrto, 1940); *Um passeio a Landim* («Renascença», 1941); *Folclore musical* (Pôrto, 1942). Este último trabalho, publicação póstuma, encerra, além dos estudos anteriores e doutros, um *Album musical* constituído por nove melodias populares minhotas, colhidas e harmonizadas por D. Maria Clementina Pires de Lima Tavares de Sousa, para piano e canto. Seu pai o Prof. Joaquim Pires de Lima antecedeu este livro duma biografia de sua saudável filha.

No primeiro aniversário da morte de D. Maria Clementina realizaram-se, por iniciativa dos «Estudos Portugueses» e do



D. MARIA CLEMENTINA PIRES DE LIMA TAVARES DE SOUSA

(1908-1941 †)

«Orfeão Lusitano», uma missa na igreja da Trindade celebrada pelo Bispo do Pôrto, sr. D. António Augusto de Castro Meireles, uma homenagem junto do túmulo em Agramonte e uma sessão comemorativa na Faculdade de Engenharia, na qual foram cantadas composições da saudosa senhora.

Artistas e críticos musicais de grande categoria apreciaram e enalteciram o talento de D. Maria Clementina, cuja falta, como escreveu Sampaio Ribeiro, será lamentavelmente sentida na etnografia musical.

A sua bondade de alma, a sua mocidade cheia de entusiasmo e de esperança, o dramático imprevisto da sua morte alguns dias após o nascimento feliz dum filhinho, suscitaram em tôda a gente a mais viva e funda emoção por perda tão cruel.

*

* *

O sr. engenheiro João Perestrelo, falecido em Lisboa, dedicou-se dum modo especial ao estudo do conceito dos fundamentos das nacionalidades, especialmente da nacionalidade portuguesa. Com larga cultura científica e histórica, tinha chegado a pontos de vista próprios relativamente ao assunto. Em 1917 publicou um livro *O princípio da nacionalidade*, tendo publicado outros escritos, entre os quais, no «Instituto», em 1937 *Valores de Portugal* e em 1939 *Fundamentos, formação e fundação da nacionalidade portuguesa*. Às suas qualidades intelectuais o sr. engenheiro Perestrelo aliava a mais perfeita linha moral e um trato distinto.

Perdeu também a nossa Sociedade outro estimado consócio, o sr. Dr. António Jorge de Almeida Coutinho Lemos Ferreira, duma distinta família portuense, diplomado na secção filosófica da antiga Academia Politécnica do Pôrto, pessoa muito culta, e autor de alguns trabalhos científicos entre os quais a *Hipótese da degenerescência celular (Origem dos microorganismos patogénicos)*, Pôrto, 1922.

Faleceu no Rio-de-Janeiro há alguns meses, vítima dum desastre, o também nosso consócio, sr. Dr. António Simões Pina, antigo professor do Liceu Rodrigues de Freitas, do Pôrto. O Dr. Simões Pina era dotado de distintas qualidades intelectuais e duma vasta cultura, que lhe criara um ambiente da alta estima e aprêço no meio portuense.

Não queremos deixar de registar igualmente com fundo pesar o falecimento, há tempos, em Lisboa, do sr. Fran Paxêco, que, embora tivesse abandonado ultimamente a nossa Sociedade, foi

durante muitos anos dedicado membro desta. Fran Paxêco foi cônsul de Portugal em Cardife, em Liverpool, no Pará, etc.; tendo desempenhado sempre com grande elevação e patriotismo os seus cargos. Era professor honorário da Faculdade de Direito do Maranhão e autor duma vasta bibliografia sôbre assuntos de literatura, história, economia, relações luso-brasileiras, etc. Um dos seus últimos volumes, publicado em 1932, intitulava-se *Portugal não é ibérico*, e, preconizando boas relações com a Espanha, acentuava a diversidade portuguesa com referência ao país vizinho, fazendo a análise da geografia política e etnológica da Península. O sr. Fran Paxêco foi um dedicado discípulo de Teófilo Braga e promotor activo do intercâmbio intelectual e económico entre Portugal e Brasil. Embora tardiamente, não deixamos de render à sua memória, em nome da Sociedade de Antropologia, êste preito de saúde. Quem escreve estas linhas é-lhe pessoalmente devedor de muito agradecimento pela boa vontade e interesse com que procurou pô-lo em contacto com o labor dos antropologistas brasileiros.

M. C.

